

A última fronteira do celular

Com um mercado potencial de 11 milhões de consumidores, a Amazônia tornou-se a principal aposta das operadoras de telefonia — o difícil é chegar aos clientes

CAMILA FUSCO

Desde que foi construída, no início dos anos 70, a BR-319, rodovia que liga Porto Velho, em Rondônia, a Manaus, capital do Amazonas, converteu-se numa espécie de estrada fantasma. Encravada no coração da selva amazônica, a BR-319 deveria levar desenvolvimento à longínqua Região Norte — mas problemas como o descaso das autoridades e o excesso de chuvas deixaram mais da metade de seus 980 quilômetros praticamente intransitável. Nos últimos dois anos, porém, esse ciclo de degradação foi estancado. Quase diariamente, uma equipe de 30 pessoas percorre os poucos trechos de asfalto e lama em sete caminhonetes amarelas e cinco motocicletas, numa espécie de rali da selva. A "aventura" é protagonizada por técnicos da Embratel incumbidos de erguer uma rede de fibra óptica de 1 200 quilômetros na região. A ideia é que o emaranhado de cabos em zigue-zague pela

mata fechada, concluído no final do ano passado e agora em processo de duplicação, se transforme na principal via de conexão da população local com serviços como telefonia fixa, móvel e banda larga. "Investimos mais de 120 milhões de reais na constatação dessa rede e vamos gastar mais de 2 milhões de reais por ano apenas para mantê-la funcionando", diz Maria Tereza Azevedo, diretora de operações da **Embratel** para as regiões Norte e Centro-Oeste. "E dez vezes mais do que requer um sistema semelhante no Sudeste."

A RECENTE INCURSÃO DA EMBRTEL na Amazônia oferece um dos exemplos mais contundentes do quão estratégica a Região Norte tem se tornado para empresas de diversos setores — e para o de telefonia celular em particular. "Apenas para o setor de telefonia, essa região conta com um mercado potencial de 11 milhões de pessoas", diz



Caminhonete da Embratel na BR-319: a operadora reconstruiu algumas pontes mais de 200 vezes

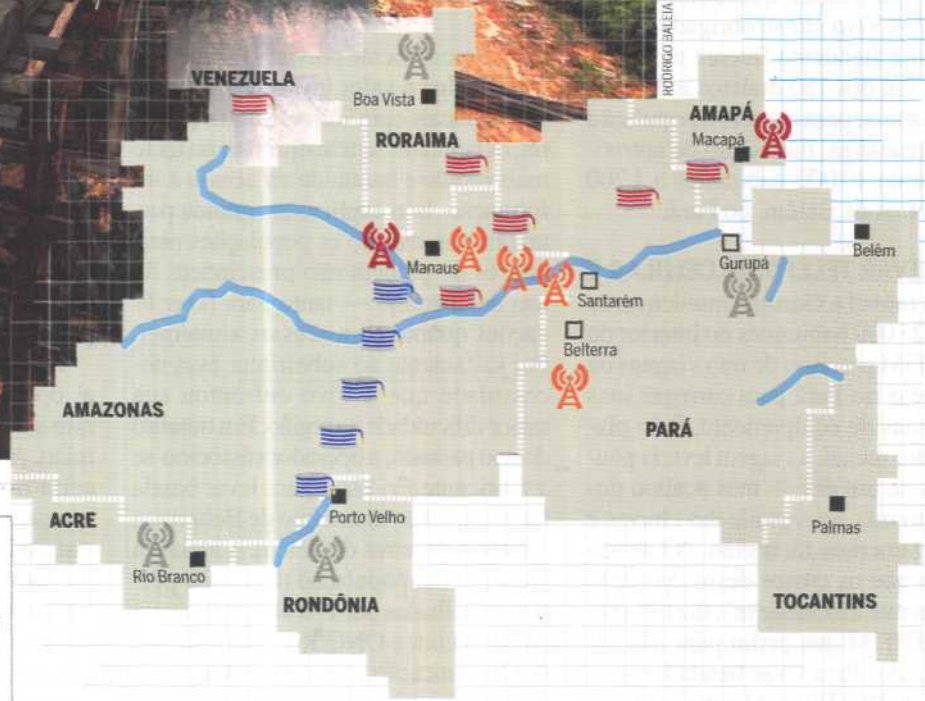
Raul Aguirre, presidente da consultoria AT Keamey. "É a última fronteira de crescimento das operadoras. Os demais mercados do Centro-Sul e do Nordeste estão muito próximos da saturação." Só neste ano, Vivo, Claro, TIM, Oi e Embratel devem investir, juntas, quase 1 bilhão de reais nesses estados, ante 250 milhões dois anos atrás. "De início, as operadoras estabeleceram-se na região por terem sido obrigadas pelo governo", diz Júlio Puschel, analista sênior da consultoria Yankee Group. "Mas a escolha de Manaus como uma das sedes da Copa do Mundo em 2014 e a possibilidade de explorar um mercado praticamente virgem têm feito com que essas empresas enxerguem grandes oportunidades na região."

O difícil é chegar até os potenciais clientes. Poucas estradas (quase todas em péssimas condições), mata fechada e inúmeros rios separam as operadoras dos 15,2 milhões de habitantes da re-



Não é fácil desbravar a selva

Para levar acesso de telefonia e banda larga aos pequenos municípios da Região Norte, as operadoras têm enfrentado alguns desafios inéditos



OPERADORA: TIM

Investimento **252** milhões de reais⁽¹⁾

O que está fazendo Ampliação da cobertura de telefonia em 40 cidades e de banda larga em outros dez municípios nos estados de Amapá, Amazonas, Pará e Roraima

Desafio A operadora teve de esperar 30 dias pelo transporte de 9 toneladas de equipamentos em Gurupá, no Pará, por causa das chuvas

OPERADORA: EMBRATEL

Investimento **120** milhões de reais

O que está fazendo Expansão da rede de fibra óptica que liga Porto Velho, em Rondônia, a Manaus, no Amazonas

Desafios Prevenir o avanço da mata e debelar incêndios ao longo da rodovia BR-319, que liga as duas cidades. Para fazer essa manutenção, a empresa teve de recrutar funcionários nas comunidades locais

OPERADORA: OI

Investimento **84** milhões de reais⁽²⁾

O que está fazendo Instalação de rede de banda larga em três capitais: Boa Vista (RR), Manaus (AM) e Macapá (AP)

Desafio Para desviar de rios que separam essas cidades, foi preciso ligá-las passando pela Venezuela. Se ficasse só no Brasil, a empresa teria de usar 8000 quilômetros de fibra - pelo país vizinho, esse volume caiu 70%

OPERADORA: VIVO

Investimento **70** milhões de reais⁽³⁾

O que está fazendo Construção de uma rede de rádio entre Manaus e Santarém, no Pará, além do município de Belterra, também no Pará, para atender 170 vilarejos

Desafio Sem conseguir prever a demanda com precisão, as três estações de rádio em Belterra tiveram sua capacidade esgotada em menos de 20 dias

NEGÓCIOS

gião. "Nas outras regiões, onde a competição já está estabelecida, as operadoras lutam para roubar clientes das concorrentes", diz Eduardo Grizendi, professor do Instituto Nacional de Telecomunicações (Inatel). "Na Região Norte, a corrida é para chegar primeiro às cidades e aldeias." No esforço para desbravar a área, algumas situações, beiram o surrealismo. Os técnicos da Embratel, na maioria recrutados nas comunidades locais, precisaram reconstruir pelo menos 200 vezes pedaços das 52 pontes que compõem a BR-319. A Vivo viu-se obrigada a contratar uma atendente fluente em mundurucu, um dos 180 dialetos indígenas da Amazônia, para atender a população de Jacareacanga, município de aproximadamente 40000 habitantes a 1 700 quilômetros de Belém, no Pará.

PARA LEVAR TELEFONIA CELULAR E internet móvel a Gurupá, município de apenas 25 000 habitantes no interior do Pará, a TIM precisou de oito viagens de barco pelo rio Pará para carregar suas 9 toneladas de equipamento. Pelo planejamento inicial, a viagem levaria pouco mais de um dia — mas acabou durando um mês em virtude das chuvas e dos alagamentos na região. "O atraso fez com que os custos dessa operação praticamente triplicassem", diz um executivo da TIM que pediu para não ser identificado. Para levar banda larga às cidades de Boa Vista, Manaus e Macapá, a Oi precisou incluir a Venezuela em sua rota. Em situações normais, bastaria à operadora esticar a ligação que ela já tem em Palmas, no Tocantins, para o restante do país. A topografia da área, porém, exigiria um sem-número de desvios, que consumiriam 8000 quilômetros de cabos de fibra óptica apenas para chegar à capital amazonense — mais que o dobro da distância que separa as duas cidades. O jeito foi alugar as Unhas de transmissão de energia elétrica da Eletronorte, de lá seguir até Caracas e, por fim, levar os dados a Fortaleza, no Ceará, via cabos submarinos. Com isso, estima-se que os custos da Oi com infraestrutura para conectar essas três cidades tenham sido um oita-



vo do inicialmente previsto (a empresa não divulga o valor investido).

Em locais com infraestrutura precária, os celulares se transformam no meio mais rápido e barato de ter acesso à informação. Tsso explica, em grande parte, por que mesmo as populações mais pobres do planeta não prescindem do uso do aparelho — tanto para fazer ligações quanto para acessar a internet. Foi justamente ao subestimar essa necessidade que a Vivo enfrentou sua maior dificuldade na região. Em outubro do ano passado, a operadora associou-se à fabricante Ericsson para levar banda larga móvel ao município de Belterra, a 1 100 quilômetros de Belém. A ideia era atender uma população de 12000 pessoas espalhadas por 170 vilarejos, numa parceria com a ONG Rede Mocaronga de Comunicação, que desenvolve projetos sociais na região (o termo "mocaronga" refere-se aos nativos de Santarém). Para isso, a operadora instalou três estações de rádio no local, suficientes para conectar 90000 usuários. Menos de 20 dias depois, essa capacidade foi esgotada. "Tivemos de correr para instalar outras nove estações", diz André Ma-

Só neste ano, Vivo, Claro, TIM, Oi e Embratel devem investir 1 bilhão de reais na região

chado, vice-presidente executivo da Ericsson no Brasil. "Não tínhamos ideia da enorme quantidade de celular nas mãos da população. Era gente que até então usava o aparelho apenas nas regiões metropolitanas, porque não havia cobertura."

Nessa incursão pela selva amazônica, as operadoras de telefonia ainda depararam-se com outro desafio — o econômico. A região conta com a menor receita média por usuário do país, de apenas 8 reais mensais, a metade do registrado no Nordeste e um terço da média nacional. Ao mesmo tempo, os custos com infraestrutura, logística e treinamento de pessoal nesses estados chegam a ser dez vezes maiores que os do Centro-Sul do país, principalmente por causa dos gastos com frete de barcos e aluguel de armazéns. "Levará pelo menos dez anos até que essas empresas consigam reaver o investimento", diz Grizendi, do Inatel. O fato de os serviços contarem com um preço proibitivo para os padrões da região também não ajuda. Para contratar um plano de banda larga de 600 kbps da Oi em Manaus, por exemplo, o assinante gasta cerca de 400 reais por mês. O mesmo serviço com o triplo da velocidade custa 80 reais no Rio de Janeiro. É um paradoxo econômico. Se quiserem vencer na Amazônia, as operadoras precisarão fazer mais do que remendar pontes ou reconstruir estradas — sob o risco de ficar fora da disputa pela última fronteira. •

Usuário de internet banda larga no Pará: a Vivo subestimou o potencial da região